

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
IN MEMORIAM SEAN CONNERY
6 de janeiro de 2021

FINDING FORRESTER / 2000 (*Descobrir Forrester*)

um filme de Gus Van Sant

Realização: Gus Van Sant / **Argumento:** Mike Rich / **Fotografia:** Harris Savides / **Direcção Artística:** Jane Musky / **Montagem:** Valdis Oskarsdottir / **Intérpretes:** Sean Connery (William Forrester), Rob Brown (Jamal Wallace), F. Murray Abraham (Prof. Robert Crawford), Anna Paquin (Claire Spence), Busta Rhymes (Terrell Wallace), April Grace (Ms. Joyce), Michael Pitt (John Coleridge), Michael Nouri (Dr. Spence), Richard Easton (Prof. Matthews), Glenn Fitzgerald (Massie), etc.

Produção: Sean Connery, Laurence Mark, Rhonda Tollefson / **Cópia:** Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, colorida, versão original legendada em português, 135 minutos / **Estreia Mundial:** EUA, em 19 de Dezembro de 2000 / **Estreia em Portugal:** cinemas Monumental, Fonte Nova e Londres, em 13 de Abril de 2001.

Sir John Connery, também conhecido como o agente 007 de Sua Majestade, de nome James Bond, anunciou o seu abandono do cinema após o seu papel de Allan Quatermain em **The League of Extraordinary Gentlemen/Liga de Cavalheiros Extraordinários**, adaptado em 2003 por Stephen Harrington de uma popular "novela gráfica". Anúncio infeliz para os seus admiradores, privados, a partir de então, da sua presença extraordinária (sem aspas) no mundo do cinema. É claro que ele tinha todo o direito de usufruir com toda a tranquilidade no seu castelo na Escócia dos seus rendimentos, mas foi pena não ter gerido melhor a sua "despedida" com obra de maior vulto, tendo recusado o que poderia ter sido um adeus em beleza, retomando a figura do professor Henry Jones, pai do nosso conhecido Indiana Jones, no filme que marcou o regresso do aventureiro-arqueólogo ao cinema, **Indiana Jones and the Kingdom of the Crystal Skull/Indiana Jones e o Reino da Caveira de Cristal**, de Steven Spielberg, que poderia ter sido obra bem mais interessante com a sua presença. Ou então, que se tivesse ficado por **Finding Forrester**, que, não sendo um grande filme, tem a vantagem de lhe dar um papel de uma figura "lendária", com um estatuto, na sua profissão, do mesmo gabarito do actor na sua. O plano final, com Forrester e Jamal, caminhando na rua, poderia servir de "testamento", ou melhor, de "passagem de testemunho" de uma geração para outra. O filme que vamos ver é, pois, de uma óptica meramente pessoal, a verdadeira despedida de Sean Connery ao cinema.

Gus Van Sant é um cineasta que circula entre o cinema independente e o "main stream" com o mesmo à vontade de Steven Soderbergh. Mas se os filmes do primeiro género lhe garantem um estatuto de relevo em certos meios culturais, são os segundos (os chamados filmes de "compromisso"?) que lhes garantem o sucesso popular, com o qual se podem concentrar em obras mais pessoais. A questão com Gus Van Sant é que o realizador de **Mala Noche** tem procurado, com efeitos desiguais, aliar as duas fórmulas mas, ao fazê-lo, acaba por a faceta inovadora e experimentalista, a pouco e pouco, se ir atenuando: à

experiência radical de **Gerry** (filme que se seguiu imediatamente a **Finding Forrester**) sucederam-se filmes, em que a perspectiva comercial foi, progressivamente, tomando a dianteira, de **Elephant** a **Milk**. **Finding Forrester** pode ser visto como o seu filme mais “indiferente”. Na obra de Van Sant é o que mais se identifica com um cinema de estúdio e compromisso, filme “comercial” em mais de um sentido. Primeiro, pelo recurso a uma grande estrelas para o elenco. Até Sean Pean em **Milk**, Sean Connery foi o único actor de primeira grandeza a participar num filme de Van Sant (mesmo Nicole Kidman, em 1995, quando participou em **To Die For/Disposta a Tudo**, não atingira ainda esse estatuto). Segundo, porque **Finding Forrester** não parece ser mais do que uma variação do primeiro grande sucesso de Van Sant, feito três anos antes, **Good Will Hunting**.

Em **Finding Forrester**, Sean Connery interpreta o papel de William Forrester, um escritor americano que, na década de 50 escrevera a “grande novela americana” do seu tempo, e que seria o seu único livro, afastando-se depois do público e acabando por viver recluso, isolado do mundo. Na personagem de Forrester projectam-se referências a duas figuras fundamentais da literatura americana do século XX, Jack Kerouac, o autor de “On the Road” e J.D. Sallinger, que nos deu “The Catcher in the Rye”, especialmente o segundo. Mas, apesar de afastado do mundo, há ainda alguma curiosidade que alimenta Forrester, levando-o a espiar a vizinhança de binóculos, especialmente o grupo de jovens negros que joga basquetebol num pátio. Entre estes, circulam lendas e histórias estranhas sobre o solitário inquilino do prédio fronteiriço e, em resultado de uma aposta, um deles, Jamal Wallace, introduz-se por infracção na casa do estranho, tentando levar um objecto que prove o bom resultado da sua aventura. Surpreendido no acto, Jamal foge rapidamente deixando o seu saco na sala que invadira. Nele, Jamal guardava os seus cadernos onde escrevia observações, pensamentos, ideias, etc. Este incidente vai levar ao encontro dos dois, após Forrester ler os textos de Jamal e escrever uma série de comentários à sua volta. Jamal é, por sua vez, um aluno brilhante no liceu, o que o leva a ganhar uma bolsa universitária, embora os seus talentos de basquetebolista sejam mais requeridos que os intelectuais, o que o vai levar a um confronto com um dos professores, Robert Crawford (F. Murray Abraham) que suspeita de plágio nas suas composições. Não deixa de ser surpreendente que um cineasta como Van Sant se deixe levar por uma série de convenções e de clichés gastos até à exaustão pelo cinema: a entrada de Forrester na aula de Crawford, em defesa de Jamal, é uma situação velha no cinema e, neste caso, quase que repete cena idêntica de **Scent of a Woman/Perfume de Mulher**, de Martin Brest, feito em 1992; a relação Forrester-Jamal com a transmissão de conhecimento, que retoma uma infinita quantidade de filmes sobre passagem de testemunho entre gerações; o professor frustrado que desconfia do talento dos outros e quase os destrói à nascença, etc. Mas inclusive, Gus Van Sant mais não faz neste filme do que retomar situações e personagens de **Good Will Hunting**, com destaque para o jovem génio. Jamal, como Will Hunting, acaba por pôr em cheque o próprio professor, vencendo-o com as próprias armas das citações literárias. De facto, **Finding Forrester** deixa uma aguda sensação de “dejà vu”, salvando-se quase exclusivamente devido à participação de Sean Connery, numa personagem à sua altura.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico